

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ANNA BEATRYZ DA SILVA WARMLING

**A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DA CRECHE: PENSANDO
A DOCÊNCIA COM BEBÊS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCC) apresentado ao Departamento de Estudos Especializados em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como requisito parcial para obtenção do título Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Kátia Adair Agostinho.

**Florianópolis – SC
2017**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Warmling, Anna Beatryz da Silva

A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DA CRECHE: PENSANDO A
DOCÊNCIA COM BEBÊS / Anna Beatryz da Silva
Warmling ; orientador, Kátia Adair Agostinho,
2017.

60 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Ciências da Educação, Graduação em Pedagogia,
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Pedagogia. 3. Espaço. 4.
Docência. 5. Bebês. I. Agostinho, Kátia Adair .
II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação
em Pedagogia. III. Título.

ANNA BEATRYZ DA SILVA WARMLING

**A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DA CRECHE: PENSANDO A
DOCÊNCIA COM BEBÊS**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “graduada em Pedagogia” e aprovado em sua forma final pelo Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 29 de junho de 2017.

Profa. Dra. Patrícia Laura Torriglia
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Kátia Adair Agostinho
Orientadora (MEN/UFSC)

Profa. Dra. Patrícia de Moraes Lima
(MEN/CED/UFSC)

Doutoranda. Fernanda Gonçalves
(PPGE/UFSC) Titular

Quando uma criança brinca, joga e finge; está criando um outro mundo. Mais rico e mais belo e muito mais repleto de possibilidades e invenções do que o mundo onde, de fato vive.

(Marilena Chaui)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, pela oportunidade da vida, pelo imenso amor, misericórdia, graça e pela sua fidelidade dispensada à nós a cada dia.

Agradeço à todas as pessoas que passaram por minha trajetória de vida, principalmente da época da escola, até os dias de hoje, pessoas que são especiais e que ficaram guardadas em meus pensamentos e no meu coração.

Quando comecei a escrever meus agradecimentos percebi como é difícil encontrar palavras para agradecer pessoas que sempre estiveram ao meu lado, principalmente meus pais, por todo cuidado, compreensão e educação. Aqueles que sempre se dedicaram em dar o melhor para mim. Pois não é fácil criar uma filha que veio depois de 18 anos de diferença do outro filho, "a caçula da família". Sou eternamente grata a vocês.

Não poderia deixar de mencionar aqui meu agradecimento ao meu esposo e companheiro Crichiman, pessoa na qual eu escolhi para estar comigo nos momentos bons e ruins da vida, e principalmente nesse momento tão importante da minha formação, em que ele sempre foi compreensível e sempre me incentivou para seguir em frente. Que Deus nos abençoe nesta caminhada que juntos trilharemos por toda vida. Meu eterno amor a você!

A minha família, principalmente à minha vó Isaura que mesmo com seus 92 anos, sempre me deu força, sempre com suas perguntas: "Quando mesmo você se forma?", "Como você estuda tanto", "Como você está sumida"... Sou grata por ter você do meu lado, te amo eternamente e quero muito curtir e aproveitar cada momento ao seu lado, pois você vó é muito especial para nossa família.

Aos meus amigos, pois nesse processo ter amigos é fundamental, aqueles que sempre estão do nosso lado, dando força, ajudando nos momentos difíceis, dispostos a conversar e se divertir. Principalmente minhas amigas da época da escola, o famoso clube da Luluzinha- Jéssica, Letícia, Júlya e Thais, sou eternamente grata pela amizade, mesmo nos momentos em que eu não aceitava sair, pois estava na correria da faculdade, vocês me compreenderam e nunca desistiram dessa amizade que seguirá até o fim de nossas vidas.

Agradeço os meus colegas de graduação, pessoas na qual eu jamais vou esquecer, foram 4 anos e meio juntos que vou levar comigo, pois nossa turma sempre foi uma das turmas mais unida do CED- 308A, sempre aproveitando cada momento na graduação juntos, momentos de

desesperos e conquistas. Principalmente minhas colegas Camila, Jessica e Rafaela que tive a sorte de encontrar durante o curso, que essa amizade prossiga pelo o resto da vida, sou grata pelos momentos juntas e quero que saibam que cada uma de vocês já tem um lugar guardado no meu coração.

Finalizo agradecendo os meus professores, cada ensinamento dado por vocês eu levarei comigo, muitas lembranças e aprendizagens. Em especial gostaria de agradecer minha orientadora Kátia, por ter me auxiliado na conclusão desse trabalho, mesmo sendo pouco tempo sempre me orientando e compreendendo minhas dificuldades e momentos de ansiedade, mas principalmente por ter-me aceitado na elaboração desse trabalho, sou eternamente grata.

Muito obrigada!

RESUMO

Nesse estudo busco aprofundar saberes sobre a organização dos espaços da creche para docência com bebês. O estudo iniciou a partir da escolha da bibliografia para o aprofundamento: pesquisas que se dedicaram a pensar a docência com os bebês. Nesse levantamento selecionamos quatro pesquisas, sendo elas: GUIMARÃES (2008)- Relações entre crianças e adultos no berçário de uma creche pública na cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsabilidade, cuidado, COUTINHO (2010)- A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche, SCHMITT (2014)- As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: Contornos da ação docente e a dissertação de GOBBATO (2011)- "Os bebês estão por todos os espaços!": um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil. Os referidos estudos me fizeram pensar sobre a organização dos espaços das instituições de educação infantil, as relações das crianças entre si e com os adultos e à docência com os bebês. Compreendendo-se que os espaços devem ser pensados e planejados pelos profissionais da educação infantil, sendo espaços de relações, aprendizagens, cuidado, contato com o mundo nos cotidianos das instituições. Essa organização dos espaços deve acontecer a partir de um planejamento, da professora, ou seja, da docente. Compreendendo a ação docente com os bebês, como uma especificidade, uma relação a partir do contato próximo em todos os momentos de relações presentes no contexto da creche, nos espaços internos e externos.

Palavras-chave: Espaço; Docência; Bebês.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A DOCÊNCIA COM BEBÊS.....	19
2.1 DOCÊNCIA E AÇÃO DOCENTE COM CRIANÇAS PEQUENAS E BEBÊS NO CONTEXTO DA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL.....	23
3 ESPAÇO E SUA ORGANIZAÇÃO.....	27
3.1 CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS ELEITOS.....	35
3.1.1 Relações entre crianças e adultos no berçário de uma creche pública na cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsabilidade, cuidado, de Daniela de Oliveira Guimarães.....	36
3.1.2 A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche, de Ângela Maria Scalabrin Coutinho.....	40
3.1.3 As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: Contornos da ação docente, de Rosinete Valdeci Schmitt.....	42
3.1.4 "Os bebês estão por todos os espaços!": um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil, de Carolina Gobbato.....	45
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	57

1 INTRODUÇÃO

Início este trabalho apresentando o meu interesse em estudar e pesquisar os espaços da creche pensando na educação dos bebês, que surgiu durante minha trajetória acadêmica no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Essa decisão se deu a partir de vários questionamentos e interesses, como, por exemplo, a importância de fazer a relação entre teoria e a prática. Sendo assim, com a necessidade de relacionar esses dois conceitos, decidi iniciar o estágio não obrigatório no Serviço de Educação Infantil do Hospital Universitário (SEI-HU), na turma do I Período (correspondente ao berçário em outras instituições), com crianças de 6 meses a 1 ano, que, nesse caso, são filho/as de servidores do Hospital Universitário (HU).

Considerando a experiência no estágio não obrigatório no SEI-HU, as minhas observações e vivências, acredito que é muito importante que a professora conheça as crianças em si, as famílias e o contexto social onde está inserida, para, assim, conseguir planejar momentos, situações e espaços que estimulem o processo de ensino e aprendizagem dessas crianças pequenas.

Tive uma experiência muito enriquecedora com a professora que trabalhei no SEI- HU, pois a todo o momento as crianças experimentavam, lambuzavam, testavam, tocavam, viam, sentiam, conheciam, aprendiam, juntamente com os adultos que trabalham na instituição e com crianças maiores. A partir disso, senti necessidade e curiosidade em pesquisar mais, observar e registrar como funciona esse contato dos bebês com outras crianças nos diversos espaços das creches públicas, e como eles são pensados e organizados. Partindo do pressuposto de que essas possibilidades de contato e interações dos bebês com crianças maiores podem ou não contribuir para o processo de desenvolvimento dos mesmos, esse encontro precisa ser planejado e acompanhado de perto pela professora. Esses espaços presentes na instituição podem ser usados por todas as turmas e com crianças de todas as idades, desde que seja de forma organizada.

Durante dois anos de experiência como estagiária consegui ter contato com os bebês e ampliar meu olhar sobre a relação com eles e o modo como era organizado e pensado os espaços da creche, sendo, assim, de grande importância para minha formação como futura pedagoga, no qual a “experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência” (TUAN, 1983, p.10). Desse modo, com essa

vivência na Educação Infantil ampliei meus conceitos, relacionando a teoria e a prática, percebendo a criança em si e no contexto da creche, as suas necessidades, suas descobertas e tudo aquilo que eram capazes de fazer no individual e no coletivo com outras crianças e com adultos presentes nesses espaços.

Juntamente com a professora regente da turma (I Período) muitas aprendizagens e descobertas foram surgindo, envolvi-me no planejamento do espaço, na organização e criação de materiais próprios para os bebês, nos momentos de atividades coletivas com os bebês e as crianças maiores dos outros grupos, nos diversos espaços presentes na creche. Consegui ver durante a prática como essa docência com bebês e crianças pequenas acontece, percebendo a relevância em se planejar e organizar os diversos espaços presente na instituição, que enriqueçam o processo de interação de bebês e outras crianças. Segundo Faria (2003), “[...] a pedagogia faz-se no espaço e o espaço, por sua vez consolida a pedagogia”, e como futura pedagoga penso na importância de conhecer as crianças para poder preparar e organizar esses espaços, pensando no processo de desenvolvimento delas e no seu contato com objetos e outras pessoas durante as descobertas e relações.

É fundamental ressaltar que os espaços nas instituições de Educação Infantil são lugares que trazem para a criança referências sobre as formas de se relacionar, explorar, imaginar, aprender, desenvolver-se e viver a partir do contato com outras crianças e adultos, e por isso decidi tomar como ponto de partida para minha pesquisa o tema *Espaço*, mas pensando em como esses espaços da creche envolvem os bebês e à docência com bebês.

Meu interesse aqui seria fazer uma pesquisa de campo em uma Instituição de Educação Infantil pública na Região de Florianópolis, e observar como esses espaços da estão sendo planejados. Indaga-se, assim, em de que modo os bebês ocupam esses espaços? Como as relações com crianças maiores e outros adultos acontecem nos diferentes espaços presentes na creche? Como acontece à docência com o grupo de bebês?

No entanto, por motivo de tempo essa pesquisa de campo não seria possível, teria que passar por um comitê de ética e o tempo estava muito curto para recorrer a tudo isso. Sendo assim, decidi juntamente com minha orientadora fazer uma **pesquisa bibliográfica**, a partir de um levantamento de teses e dissertações que já estudaram sobre o tema, focando em pesquisas que envolvam especificamente os bebês e os espaços da creche, pensando no processo de interação dos mesmos com

adultos e outras crianças e como se dá à docência com um grupo de bebês. A partir dessa nova decisão de pesquisa bibliográfica, fizemos levantamento de algumas teses e uma dissertação que utilizaram as seguintes palavras-chave: “Espaço”, “Docência” e “Bebês”.

Em vista disso, o objetivo desta pesquisa é aprofundar saberes sobre a organização dos espaços na creche e a docência com bebês, identificando como a organização do espaço favorece as relações entre bebês e adultos e entre as próprias crianças a partir da produção científica eleita.

Os estudos elencados foram as teses de doutorado de Daniela de Oliveira Guimarães (2008), Ângela Maria Scalabrin Coutinho (2010) e Rosinete Valdeci Schmitt (2014), e a dissertação de Carolina Gobbato (2011). Após a leitura dessas pesquisas, foram elaborados fichamentos relacionando o assunto discutido com tema desta pesquisa.

Como ponto de partida, iniciei meus levantamentos na tese de Daniela de Oliveira Guimarães (2008), intitulada *Relações entre crianças e adultos no berçário de uma creche pública na cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsabilidade, cuidado*. A pesquisa está situada na Universidade Católica do Rio de Janeiro, com orientação da professora Sônia Kramer. Em sua tese, a autora traz como objetivo conhecer e compreender as relações dos adultos com as crianças e das crianças entre si, problematizando as formas de relação com as crianças pequenas e entre elas.

Segui com a tese de Ângela Maria Scalabrin Coutinho (2010), da Universidade do Minho, em Portugal, sob o título *A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche*, que contou com a orientação do Professor Doutor Manuel Jacinto Sarmento. Durante o estudo da tese percebi o interesse em conhecer melhor os bebês, a sua ação social e o seu cotidiano no próprio contexto da creche e o processo de formação dos/as profissionais que atuam com esses bebês. Na tese é visível não só a presença dos adultos durante a organização dos espaços, mas a importância da liberdade dada para as crianças durante sua ação com outras crianças e adultos, estruturando suas relações e interações nesses espaços. Segundo Coutinho (2010, p. 180), “[...] os adultos estruturam o espaço e o tempo dando condições para que as crianças elaborem suas ações”.

Continuando as leituras e o levantamento, a terceira tese elencada de Rosinete Valdeci Schmitt (2014), *As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: contornos da ação docente*, da UFSC, e orientada pela Professora Doutora Eloisa A. Candal Rocha,

teve a necessidade de conhecer e compreender as especificidades na educação de crianças pequenas nos espaços institucionais na atualidade, elencando a relação dos bebês, as relações sociais entre eles e os/as professores/as. O que me chamou atenção foi “[...] a necessidade da professora não apenas planejar as ações que envolvam a sua presença diretiva, como também a necessidade dela prever um ambiente em que os bebês possam estabelecer suas relações” (SCHMITT, 2014, p. 20).

A última pesquisa analisada foi a dissertação de Carolina Gobbato(2011), *"Os bebês estão por todos os espaços!"*: um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil, que ocorreu em Porto Alegre, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e orientada pela Professora Doutora Maria Carmen Silveira Barbosa. Essa dissertação foi muito significativa, pois aqui identifiquei meu interesse nesta pesquisa, partindo das vivências dos bebês nos diferentes espaços da escola infantil, no qual a autora analisa como a presença dos bebês no contexto de vida coletiva poderia implicar em possíveis redimensionamentos do fazer pedagógico. Gobbato (2011) pensa nos diversos espaços presentes na escola de Educação Infantil, para além da sala do berçário, que podem propiciar possibilidades e vivências para os bebês.

Diante desse cenário de pesquisa bibliográfica, elenco como **problemática** as seguintes questões: como a produção eleita apresenta as discussões acerca dos espaços coletivos presentes nas instituições de Educação Infantil? Esses espaços coletivos se referem às salas de referências, parques, refeitórios, banheiro, entre outros espaços? É possível perceber se o modo como os espaços estão organizados possibilitam interações entre os bebês e deles com adultos e com crianças maiores? Como a docência com bebês acontece nos diversos espaços da instituição de Educação Infantil?

Sendo assim, esta pesquisa se divide em quatro sessões, sendo a primeira esta Introdução, na qual o objetivo foi de apresentar e fazer uma breve aproximação ao que minha pesquisa se destina e a contextualização de meus questionamentos durante minha trajetória acadêmica que estiveram presentes durante o meu pré-projeto de pesquisa. Para tanto, buscou-se apresentar alguns referenciais teóricos, envolvendo análises de dados que fundamentaram e orientaram esta investigação.

A segunda sessão é intitulada “**A Educação Infantil e a Docência com bebês**”, a qual apresenta um item, denominado “Docência e ação docente com crianças pequenas e bebês no contexto

da instituição de Educação Infantil”, tendo como desta que uma síntese sobre as lutas pela Educação Infantil, as conquistas e direitos das crianças em frequentarem a Educação Infantil, como primeira etapa da educação básica. Em seguida prossigo com conceitos sobre ser docente e a ação docente com bebês na instituição de Educação Infantil, apresentando autores que tem abordado sobre o tema aqui estudado.

Na terceira sessão, denominada “**Espaço e sua organização**”, trago aspectos importantes sobre os espaços presentes na instituição infantil, como são organizados, como os bebês estão presentes nesses espaços internos e externos do contexto diário da Educação Infantil, como os/as professores/as organizam e atendem os bebês e as crianças pequenas nesses meios. Nessa sessão ainda apresento um item sobre as “Contribuições dos estudos eleitos”, trazendo as aprendizagens a partir do estudo das teses selecionadas, quais as contribuições dos/as autores/as sobre a organização dos espaços, quais seus objetivos de estudos.

Para finalizar este trabalho, e como quarta sessão, trago as considerações finais desta pesquisa,

2 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A DOCÊNCIA COM BEBÊS

A Educação Infantil percorreu um longo trajeto marcado por lutas e movimentos sociais. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009), esse processo iniciou com a entrada das mulheres no mercado de trabalho. No decorrer do tempo e das lutas em prol da Educação Infantil os direitos começam acanhadamente a serem assegurados pelo Estado a partir da Constituição Brasileira de 1988. A partir disso, todas as meninas e meninos brasileiros de 0 a 6 anos passaram a ter o direito garantido ao acesso à educação em creches e pré-escolas, a qual foi fruto das reivindicações da sociedade e que precisam dar conta de oferecer a esses sujeitos possibilidades de desenvolvimento, exploração e manipulação de materiais e o contato com as diferentes culturas. Sendo assim, os espaços da Educação Infantil devem oferecer também aconchego, segurança, momentos de tranquilidade, boa alimentação e interação.

Com a Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96 (LDB/96), a Educação Infantil passa a ser reconhecida como a primeira etapa da educação básica. Assim, o atendimento em creches e pré-escolas passa a ser reconhecido como um direito das crianças e o acesso a essas instituições devem ser asseguradas, trabalhando de forma indissociável e complementar à educação e ao cuidado das mesmas.

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (DCNEI, 2009, p.12).

Com a LDB se obteve um avanço importante na legitimação do atendimento de crianças de 0 a 6 anos de idade nas instituições de educação. No artigo 21, inciso I, da LDB define-se a composição dos níveis escolares, reunindo na educação básica três etapas de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Portanto, a Educação Infantil passa a se integrar as Secretarias de Educação,

desvinculando-se das Secretárias de Assistência Sociais, passando a ter propostas pedagógicas, pensando no trabalho que se deve planejar, no desenvolvimento desse trabalho e na avaliação.

Nesse sentido, o documento atual das Diretrizes Educacionais Pedagógicas para a Educação Infantil (DCNEI) propõe que as Propostas Pedagógicas das instituições de ensino devem respeitar os princípios fundamentais, a saber:

I – Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

II – Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

III – Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (DCNEI, 2009, p.16).

Considerando que os princípios pautados no documento das DCNEI (2009, p. 12) elencam como referência a ideia de criança como um sujeito histórico e de direitos, com potencialidades, que aprende e é capaz, desde a mais tenra idade, “que, nas interações, relações e práticas cotidianas, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura”. Desse modo, elas são o centro no planejamento curricular da Educação Infantil, como defende Schmitt (2014) em sua tese.

O documento define ainda que as práticas pedagógicas nas instituições de Educação Infantil devem ter como eixos centrais a interação e a brincadeira, e garantir experiências aos bebês e crianças pequenas que promovam o conhecimento de si e do mundo (DCNEI, 2009). Essas práticas acontecem a partir de vivências das crianças no contexto da Educação Infantil, explorando, conhecendo, descobrindo, movimentando e se expressando, partindo de seus desejos e necessidades.

Assim, as instituições de Educação Infantil têm a função social de acolher, cuidar e educar os bebês e as crianças pequenas durante seu processo de vivência e desenvolvimento nesses espaços. A educação

dessas crianças acontece durante um trabalho compartilhado dos profissionais com seus familiares.

A Educação Infantil, portanto, deve ser um espaço de convívio e de encontro, onde as crianças se sintam acolhidas e respeitadas. Um lugar em que se desenvolvam e vivam coletivamente, estabelecendo múltiplas relações durante a vivência na instituição, promovendo o contato com outras crianças, com adultos, objetos, brinquedos e os espaços presentes no contexto da creche. Um lugar de troca e aprendizagem, fazendo com que crianças e professoras aprendam a fazer escolhas, realizar projetos, ter experiências com objetos novos, que se comuniquem, participem e interajam, tudo isso dentro das possibilidades e das decisões que afetam a própria vida da criança. As interações entre criança/criança, adulto/criança e a criança e o meio são marcados pelo momento vivido por elas. Desse modo, importante pensar na Educação Infantil como um momento especial na vida dos bebês e das crianças pequenas, por conta do convívio com outras pessoas e a garantia dos seus direitos.

A partir do momento da chegada dos bebês na instituição, muitas relações e ações serão ampliadas, pois haverá o contato com outros adultos e crianças que não aqueles do seu convívio doméstico, bem como outros espaços que foram pensados, planejados e organizados para que aconteça o processo de aprendizagem e as descobertas no contexto da educação. Nessa direção, o próprio “contexto da creche apresenta aos bebês uma possibilidade de múltiplas relações com outras crianças e adultos, diferentes do seu contexto familiar” (SCHMITT, 2014, p.1).

Acriança precisa se apropriar do mundo (diferentes relações sociais, culturais, econômicas, religiosas) e é através da interação e a ludicidade que isso ocorre. Daí a importância da organização dos espaços e do planejamento específico, pois são esses elementos que têm a função de enriquecer a sua imaginação e criação. Durante a docência com os bebês nesses espaços, pensados e planejados pelos adultos, é necessário pensar o processo de criação, ressignificação e imaginação, partindo do contato com o adulto “docente” e as outras crianças presentes nesses espaços.

Diante disso, sabendo quem são as crianças e quais as suas necessidades, o/a professor/a compreende as ações e as relações que acontecem nos espaços da Educação Infantil. Segundo Gobbato (2011, p. 44):

[...] os bebês são ativos, iniciam ações, procuram o outro através do olhar, do gesto, do toque, do choro; interessam-se pelo mundo desde o seu nascimento. Estar ciente disso abre outras possibilidades para uma imagem de bebê e criança pequena que os vê como capazes e potentes e não mais como seres isolados e egocêntricos.

Assim, é importante destacar o trabalho docente dos/as professores/as com os bebês estabelecidos durante todos os momentos no cotidiano da instituição, considerando que as ações docentes são com e para crianças ativas que estão a todo o momento se relacionando, interagindo com outras crianças, adultos e objetos, bem como explorando os espaços presentes no contexto da creche. Desse modo, Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil, de acordo com Duarte (2011, p. 46):

[...] exprimem a ideia de uma ação docente orientada por uma pedagogia sustentada nas relações, interações e em práticas que intencionalmente privilegiam e valorizam as experiências cotidianas, que ampliem os processos de aprendizagem no espaço coletivo, opondo-se a práticas que intencionalmente visam resultados de apreensão de conteúdos de diferentes áreas de conhecimento de forma individualizada e mecânica.

Os/as docentes têm o papel de manter as relações abertas para as crianças conhecerem o mundo e se integrarem a ele, de oferecer possibilidades para o conhecimento simbólico, cognitivo e de apropriação dos elementos que existem no mundo, de agregar informações, estabelecer uma mediação entre a criança e as diferentes linguagens. Nesse contexto, o papel das docentes é de grande importância, um sujeito que é capaz de selecionar, elaborar e organizar diferentes espaços pensados e construídos por eles, especialmente para os sujeitos de pouca idade e de tantos direitos.

2.1 DOCÊNCIA E AÇÃO DO DOCENTE COM CRIANÇAS PEQUENAS E BEBÊS NO CONTEXTO DA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

A própria docência é uma extensão do como somos docentes. (ARROYO, 2000, p.115).

Alguns termos são empregados para referir ao trabalho dos/as professores/as da Educação Infantil. Duarte (2011) apresenta alguns deles, como ação, prática, trabalho, condição, docente, pedagógico, além de toda relação que acontece entre os profissionais e os bebês na Educação Infantil. Entretanto, a docência acontece a partir da relação entre adultos e crianças, ou seja, dos profissionais da educação com as crianças sujeitos da educação. Assim, com a vinculação dos/as professores/as de crianças pequeninhas ao sistema de ensino, cumprindo a Constituição Federal e a LDB, inaugura-se, também, uma nova profissão, cuja função é docente (ÁVILA, 2002 apud DUARTE, 2011, p. 45).

Segundo Schmitt (2014), a palavra docência, origina-se do latim *docere*, que significa ensinar, instruir, transmitir. Para Duarte (2001, p. 91), “[...] considera-se o ‘ser professora de bebês’ uma docência, sendo essa uma docência marcada por relações, a saber, que toda docência tem essa marca, mas, nesse caso trata-se de relações vivenciadas com maior intensidade nos contextos de educação infantil”.

A partir do exposto, a docência com os bebês acontece através de uma relação marcada pela especificidade desses sujeitos e se baseia em uma relação muito próxima corporal e emocionalmente. Ou seja, uma docência marcada pelo contato emocional e corporal intenso e sistemático, além das diversas formas de comunicação e linguagens.

Esse contato com as crianças intenso é uma particularidade dos professores que trabalham nas creches. Dessa forma, é importante considerar as dimensões do cuidado da criança e compreender que ela varia conforme a idade. Compreendendo que o cuidado é um direito - e uma necessidade-, ele é definido pelo momento vivido pela criança. Ser professor/a da Educação Infantil significa uma profissão de docente, havendo interação e relações com seres humanos de pouca idade presentes no contexto da creche, isto é, a criança. Conforme Schmitt (2014, 243):

Neste sentido é importante afirmar que a ação docente não se funda apenas nas relações direta e controlada da professora sobre as crianças, em atividades que ela dirige. Uma das funções da professora é fomentar um ambiente propício para o estabelecimento de múltiplas relações dos bebês e das crianças pequenas entre si, com os objetos e com os adultos (SCHMITT, 2014, p. 243).

O documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) alega que os professores desse nível da educação devem ser capazes de elaborar e desenvolver propostas pedagógicas e planejamentos que considerem a criança um sujeito histórico e que têm direitos e deveres, participando das interações, relações e práticas presentes no cotidiano da instituição infantil, podendo dar significados e construir sua identidade pessoal e coletiva, com direito a brincar, explorar, participar, aprender, se desenvolver, experimentar, ter ações nas situações individuais e coletivas presentes no espaço da sala e da creche, e, principalmente, construir sentidos e significados sobre a natureza e a sociedade presente em sua cultura.

As professoras não estarão em todas as cenas, guiando ou mediando as crianças de forma direta. Todavia, é função delas organizar um *cenário* em que bebês e crianças pequenas possam ser convidados, provocados e acolhidos em outras relações, principalmente com seus pares, de forma a ampliarem suas experiências. (SCHMITT, 2014, p.243-244, grifo da autora).

Os/as professores/as no seu trabalho com a Educação Infantil, diretamente com as crianças pequenas e os bebês, estão envolvidos com o contexto da sala, a rotina da instituição e do grupo, o processo de planejamento durante o cuidar, o educar e todo contato corporal e de ações estabelecidas com o grupo de bebês no coletivo e no individual.

Em sua pesquisa, Schmitt (2014, p.189) considera que:

[...] é bastante visível o fato de que as professoras que atuam com bebês realizam várias ações de forma concomitante: trocam a fralda de uma criança, ao mesmo tempo em que estão a olhar para as outras em relação ao espaço, estendem sua

presença pela voz a outros bebês que estão mais distanciados, enquanto permanecem a acalantar algum bebê que chora, guardam na memória eventos que serão registrados posteriormente à medida que também conversam com as crianças e trocam a roupa de outro.

Desse modo, a atenção deve estar voltada para os bebês durante todo o processo e para o que acontece ao seu redor no espaço da creche, os movimentos, as descobertas, as dificuldades, a comunicação, a exploração, isto é, “as ações” (COUTINHO, 2010), pois é através das ações dos bebês que os/as docentes conseguem subsidiar as suas ações em determinadas situações presentes no espaço que estão situados.

Coutinho (2010), em sua pesquisa sobre a ação social dos bebês no contexto da creche, situa que a postura do adulto interfere nas ações sociais das crianças, podendo, assim, esses adultos potencializar ou não as ações e competências feitas pelos bebês no contexto da creche. Essas ações dos bebês, dependendo da forma como acontece, podem interferir na constituição do papel do/a professor/a de crianças pequenas, de bebês. Segundo Duarte (2011, p. 116):

A especificidade da ação docente das professoras de bebês é constituída por dimensões educativas que são organizadas através de íntimas relações no contexto da creche, relações essas estabelecidas entre adultos profissionais e bebês que passam grande parte do dia juntos na instituição de educação infantil.

De acordo com Schmitt (2014, p.46), “a especificidade da docência com crianças pequenas está implicada com a construção de um perfil profissional que considere sua ação integrada às ações das crianças e famílias[...]”, ou seja, a docência na Educação Infantil tem características específicas também por levar em conta os sujeitos aos quais ela se destina e às suas famílias, sabendo que é nessa integração que acontece o desenvolvimento infantil.

A autora coloca-nos que os estudos de maneira geral anunciam “a necessidade de construir uma ação docente educativa, que tome como base a ideia de um bebê ativo e participativo das relações que o contorna [...]” (SCHMITT, 2014, p.53). Dessa forma, conseguimos romper com a

perspectiva de que existe a falta, ausência e incapacidade das crianças durante esse processo na instituição de Educação Infantil.

Nesse sentido, por ação docente atendem-se todos os processos, desde a definição dos objetos e das intenções, as estratégias e os planos, até a relação direta com as crianças. A ação docente é direcionada a alguém, não existe um plano isolado, requer outros sujeitos envolvidos nesse contexto da constituição, dessa forma, uma relação educativa- É uma ação social que prevê relações, sendo uma ação dirigida sobre o outro, para o outro e com o outro, constituindo, assim, a docência. (DUARTE, 2011, p.95).

Portanto, partindo dos apontamentos nas pesquisas, é possível compreender o significado da docência com os bebês, ressaltando o “ser professora de bebês”, as descobertas e aprendizagens durante esse processo, as experiências vivenciadas no cotidiano na Educação Infantil, levando em conta a docência com bebês que é sustentada pelas relações, interações e práticas do educar e cuidar.

3 ESPAÇO E SUA ORGANIZAÇÃO

Os espaços nas instituições de Educação Infantil devem ser planejados e organizados pelos/as professores/as a partir do contato com o grupo de bebês e ou crianças pequenas, para que propiciem momentos de relações, brincadeiras, descobrimento, auxiliem no desenvolvimento das crianças e enriqueçam suas vivências, já que “[...] ele é construído, ressignificado com base nas relações estabelecidas entre os sujeitos ou consigo mesmo” (BEZERRA, 2013, p.158).

Os espaços influenciam diretamente na educação das crianças, pois carregam sentidos e significados que podem ser construídos e modificados pelas crianças e adultos presentes na creche, já que “o espaço organizado ou construído é mediado, qualificado, completado ou alterado pela relação que nele estabelece o indivíduo consigo próprio e com outros indivíduos” (LIMA, 1989, p.14). Sobre isso, Agostinho (2003, p. 9, grifo da autora) diz que:

[...] as crianças vão interagindo com o espaço dando a ele significados diferentes, criando o novo, a partir do que está disponibilizado materialmente e imaterialmente, que são suas ideias, pensamentos, imaginações e fantasias, convidando-nos a resgatarmos nosso *homo ludens*, lançando sobre nós seu feitiço, fascinando-nos e cativando-nos, cheio de ritmo e harmonia. Nestes outros sentidos e significados que vão empregando no espaço e em tudo que nele está contido, as crianças vão indicando para o espaço da creche um lugar para brincar, onde o sonho e a fantasia são possíveis, aguçando em nós o desejo de que elas nos enfeiticem.

Portanto, os/as professores/as devem atuar como organizadores/as de diferentes espaços para as vivências, descobertas e aprendizagens das crianças. Ao estruturar os espaços da creche e da pré-escola, os profissionais devem observar e planejar as relações, os movimentos e as interações que vão acontecer naquele local, bem como devem pensar nos mobiliários, objetos e brinquedos que estão presentes (ou não) naquele espaço. Sabendo disso, Agostinho (2003, p. 12) coloca-nos que:

[...] temos, então, enquanto adultos responsáveis pelas instituições de educação infantil a tarefa de pensar o espaço da creche como um lugar de encontro. Encaminhando este que já vem sendo apontado pela área como frutífero e necessário para as práticas na educação infantil, num pleno exercício de humanidade. A creche como instituição coletiva de educação das meninas e meninos de zero a seis anos possibilita, oportunidades sociais novas e diferenciadas para as crianças que a frequentam, diferentes das que elas têm em casa, pela presença de muitos coetâneos e diversos adultos que não fazem parte do espaço doméstico, tem de incorporar meios de intensificar os relacionamentos entre os três protagonistas centrais- crianças, professores e famílias- num processo de abertura a participação dos diversos membros desses segmentos e mantendo entre eles uma rede de intercomunicação.

É nessas relações que os/as profissionais conseguem observar e planejar os espaços de acordo com os interesses do grupo de crianças. Assim, podem iniciar a organização a partir dos mobiliários presentes nas salas, criando e/ou colocando novos materiais que favoreçam ações e relações entre as crianças nesses espaços. Considerando a faixa etária das crianças presentes nas creches e pré-escolas, percebe-se a necessidade de espaços onde elas possam engatinhar, rolar, ensaiar os primeiros passos, descobrir, criar livremente e, principalmente, satisfazer as suas necessidades.

Entretanto, os espaços devem servir como um ambiente aconchegante, de brincadeiras, faz de conta, relações e trocas entre as crianças e seus pares e entre elas e os adultos presentes nesses espaços, tendo em vista que este é um ambiente que educa e ensina. A instituição de Educação Infantil ao “[...] transformar-se em lugar, nas relações que ali estabelecem as crianças e os adultos seus usuários, é um lugar de vida, pulsante e rica, abrigo da infância” (AGOSTINHO, 2003, p. 13). Para Agostinho (2013, p. 13, grifo da autora):

O espaço da creche tem de propiciar um *ninho seguro*, um lugar que a criança possa considerar seu, possa estar consigo mesma, num encontro íntimo com seus ritmos, pulsações e sentimentos.

Um lugar em que ela tenha segurança e confiança oportunizando sentido de pertencimento e lhe seja assegurado sua identidade pessoal.

Para que os espaços da creche propiciem o que a autora chama de “ninho seguro”, os/as profissionais de Educação Infantil precisam saber quem são esses bebês e crianças pequenas, além de conhecê-los no contexto coletivo e individual, pois isso é o que dará subsídio para o planejamento e a organização necessária. A organização e a rotina do grupo também são categorias importantes e que deve ser definida a partir do conhecimento dos professores sobre os bebês e as crianças pequenas, compreendendo que as relações e a exploração daquele espaço se darão conforme a configuração do grupo. Nesses espaços é importante observar as criações, ações, descobertas e movimentação dessas crianças, ou seja:

[...] as crianças no espaço-tempo da creche vão inventando, criando soluções, tendo outros jeitos de lidar com os objetos, com os arranjos, com as pessoas (grandes e pequenas) e com configurações físicas para criar um espaço de brincadeira. Montam, desmontam, empilham, esvaziam, enchem, arrastam, fecham, abrem, só ou acompanhadas. Vão interagindo com o espaço dando a ele significados diferentes, criando o novo, a partir do que está disponibilizado materialmente e imaterialmente, que são suas ideias, pensamentos, imaginações e fantasia. (AGOSTINHO, 2003, p. 96).

Pensando nos bebês algumas instituições utilizam somente os espaços internos da creche para explorar e ter contato com outras crianças, como, por exemplo, as salas de berçário, os corredores e o refeitório. De outro modo, há instituições onde é possível perceber a presença dos bebês em vários locais, tais como em espaços externos, em parques, salas de vídeo, brinquedoteca, biblioteca, refeitório etc. Assim, permite-se o contato de um grupo de crianças com outros grupos de crianças e adultos nesses espaços. Durante seu estudo, Gobbato (2011) conseguiu visualizar que a partir da sua observação de campo em uma instituição de Educação Infantil os bebês estavam por todas as partes da creche, interagindo, se relacionando, descobrindo e explorando o mundo à sua volta.

Segundo Tristão (2004, p. 2), “conhecendo o bebê e construindo com ele uma relação empática a professora terá condições de perceber a pequena criança, de modo a respeitá-la e interagir com ela como efetivo ser social, e não apenas como um corpo a ser banhado alimentado e trocado”. Desse modo, a partir do contato entre o adulto e a criança é possível fazer um planejamento de qualidade, pensando nos espaços presentes na instituição de Educação Infantil, contemplando as relações e as ações que desenvolverão nas crianças dimensões humanas. No entanto, de acordo com Golçalves (2014, p. 92):

[...] é necessário um espaço planejado a partir dos movimentos da criança, roupas que não atrapalhem sua exploração e liberdade, um chão sólido que promova e convide ao movimento, com brinquedos e artefatos culturais que motivem a exploração e a interação entre as próprias crianças, um espaço seguro, acolhedor e aconchegante.

Vale notar a contribuição do documento MEC-COEDI (1995), no qual encontramos os “Critérios para um Atendimento em Creches e Pré-Escolas que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças”, de autoria de Maria Malta Campos e Fulvia Rosemberg, que são orientações sobre como deveria ser o espaço da creche. O item três desse documento aborda especificamente a temática do espaço, relatando os direitos das crianças durante o momento na instituição de Educação Infantil:

Nossas crianças têm direito à brincadeira; Nossas crianças têm direito à atenção individual; Nossas crianças têm direito a um ambiente aconchegante, seguro e estimulante; Nossas crianças têm direito ao contato com a natureza; Nossas crianças têm direito à higiene e a saúde; Nossas crianças têm direito a uma alimentação sadia; Nossas crianças têm direito a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão; Nossas crianças têm direito ao movimento em espaços amplos; Nossas crianças têm direito à proteção, ao afeto e à amizade; Nossas crianças têm direito e expressar seus sentimentos; Nossas crianças têm direito a uma especial atenção durante o seu

período de adaptação à creche; Nossas crianças têm direito a desenvolver sua identidade cultural, racial e religiosa (BRASIL, MEC, 2009-COEDI, 1995, p.17).

Seguindo a pesquisa no documento do MEC, é possível encontrar várias indicações sobre a organização do espaço e como este deve ser pensado e planejado a partir dos direitos que as crianças têm durante todo o processo na creche, um local que seja aconchegante, seguro e, principalmente, que possa ser explorado pelas crianças, desde os bebês até as crianças de seis anos.

As crianças devem ter o direito ao sono quando estiverem cansadas, assim como devem ter uma alimentação de qualidade, e enquanto sujeitos da Educação Infantil têm direito a privacidade quando necessário, apoio, proteção e segurança. O direito à atenção individual em um ambiente estimulante deve ser garantido, bem como ao contato com a natureza, ao afeto e à amizade. As crianças durante o período de permanência na creche ou na pré-escola devem expressar seus sentimentos e receber atenção especial sempre, sobretudo quando chega à instituição. Conforme Agostinho (2003, p. 10-11), “A creche apresenta-se como um espaço em que as crianças que nela estão sujeitos de direitos, têm para viver sua infância na contemporaneidade. Como tal, têm de tornar-se um lugar de vivência dos direitos das crianças, para que os reafirmem em suas ações”.

É importante refletir sobre a função dos profissionais de Educação Infantil, sabendo do cuidado durante a educação das crianças, durante seus planejamentos feitos no coletivo e no individual, no atendimento das crianças durante todo o processo na creche ou na pré-escola, sempre respeitando seus direitos e necessidades. São esses profissionais que propõem estratégias e planejam ações que possam abranger a educação das crianças pequenas e dos bebês, além de buscar desenvolver suas identidades, para que vivam, assim, esse momento com alegria e segurança, ao mesmo tempo que se preparam para o futuro. Isso vem ao encontro do que Barbosa (2006) descreve quando a organização do ambiente traduz uma maneira de compreender a infância, de entender seu desenvolvimento e o papel da educação e do educador.

Portanto, havendo diferentes formas de organizar o ambiente para o desenvolvimento de atividades de cuidado e educação das crianças pequenas, "organizar o espaço propiciando que elas atuem sem auxílio imediato do adulto [...], ou seja, organizar um espaço que propicie

interação e exploração da criança" (HORN, 2007), para que o professor possa ter o entendimento de que ele não é a figura central nas relações estabelecidas no contexto da creche e, especialmente, na sala de referência do grupo de crianças, mas que as relações das crianças, os momentos de ações e atuação das mesmas nesses espaços coletivos são os principais envolvidos. Segundo Agostinho (2003, p.11):

[...] pensar o espaço da creche, a forma como ele se torna lugar socialmente construído pelas crianças e adultos que o habitam, exige que incluamos as crianças, que consideremos suas manifestações e expressões e seus pontos de vista, concebendo-as como seres sociais plenos, com especificidades próprias desta etapa da vida.

E é nesse processo que se dá a interação entre as crianças e os adultos e entre si, podendo ser observado pelos/as professores/as. O processo de interação de criança/criança acontece “[...] desde muito cedo, uma atividade *de alta prioridade motivacional*, tanto em contraste com a interação com objetos como com a interação com adultos” (CARVALHO; BERALDO, 1989, p.57, grifo dos autores).

Os bebês e as crianças pequenas no espaço da creche, não ficam aguardando os adultos para viverem outras relações. A relação com as profissionais é importante, mas não é a única a ocorrer nesse ambiente de educação coletiva. Nesse sentido, a função dos/as professores/as que atuam com bebês e crianças pequenas na creche,

[...] não se restringe em apenas intervir de forma direta nas relações que estabelece com as crianças, mas contempla também a organização do ambiente físico e social, de forma a favorecer o envolvimento das crianças e bebês em múltiplas interações, independentemente de sua ação diretiva. É preciso ter por base que as crianças agem e que é função dos/as professores/as possibilitarem um ambiente que acolha, sustente, amplie as possibilidades de suas ações. (SCHMITT, 2014,p. 202-203).

Compreendendo a criança como um sujeito de direitos, respeitando a sua infância e possibilitando a sua vivência na instituição de Educação Infantil, os profissionais da educação favorecem o

desenvolvimento integral desses sujeitos. Considerando que essa também criança é um sujeito social e histórico, que através do contato e da interação com outros sujeitos e as culturas ela vai se relacionando e se constituindo. Em seu estudo, Tristão (2004, p.10), declara que:

As crianças aprendem muitas coisas nas suas experiências em instituições de educação coletiva. E o mais importante: começam a aprender e a experimentar a ser humano, iniciando seus processos de “hominização”, aprendendo regras de convivência com outros humanos, grandes e pequenos.

É nesses espaços coletivos que conseguimos perceber o crescimento e as descobertas dos bebês e das crianças pequenas, e também um envolvimento intenso entre as crianças e os adultos da instituição, o contato corporal e afetivo, os contatos com objetos e brinquedos, seja ao ar livre ou em salas de referências na creche, entre outros. Schmitt (2014, p. 170-171) relata uma experiência vivida na observação de campo:

Brinquedos eram colocados pelo chão. Das 09h00min às 10h30min, as professoras, entre uma atenção individualizada e outra (trocar fralda, fazer dormir, acalantar, trocar roupa, dar colo), propunham organizações na sala, com brinquedos, massas, livros, às crianças que estão despertas. Em alguns dias, os levavam para o pátio externo ou solário. O pátio externo e o refeitório eram os espaços definidos para uso coletivo. Nestes, ainda que permeados de regras e horários de uso, os bebês e as crianças pequenas tinham oportunidade de se encontrar com outros adultos e outras crianças, diferentes do seu grupo de referência. Era o espaço de todos, enquanto que a sala de referência era o território restrito ao grupo específico. Observei ao longo da pesquisa que, ainda que houvesse tentativas das profissionais em usar o espaço externo, os bebês, seguidos das crianças pequenas do G2, eram os que menos freqüentavam esse lugar.

A autora ressalta que as professoras e as crianças estão situadas em uma rotina que imprime e estabelece ritmos as suas ações e relações. A rotina, segundo Barbosa (2000), é entendida como uma categoria pedagógica central na Educação Infantil, como um mecanismo pedagógico de controle de tempo, espaço, atividades e materiais, bem como uma função de orientar e regulamentar as relações e ações constituídas por adultos e crianças no ambiente institucional.

Desse modo, é possível observar os cuidados das professoras e a organização com os horários durante a rotina com as crianças. É possível perceber a utilização dos espaços externos como um meio de interações entre as crianças no coletivo. Segundo Fortunati (2009, p.64), os espaços externos da instituição também são contextos educativos, não menos pedagógicos nem menos importantes do que os outros, ou seja:

[...] espaço exterior não é um complemento acessório- na realidade, é indispensável- que deve ser destinado às brincadeiras que requerem grande movimento, mas que, oportunamente equipado, pode ser utilizado para experiências mais específicas; portanto, pode conter utensílios que favoreçam o contato com materiais[...]. (FORTUNATI, 2009, p. 64)

A construção dos espaços internos e externos deve acontecer de forma organizada, pensando nas crianças e nos seus interesses, pois “o espaço é um elemento pedagógico e exerce um importante papel na educação das crianças, já que, elas se relacionam ativamente com o ambiente, significando e resignificando o espaço a partir das relações sociais estabelecidas” (GONÇALVES, 2014, p.90).

Sendo assim, é nos espaços da Educação Infantil que, segundo Barbosa (2009), os bebês estão no mundo e não separados dele. Ali as crianças e os bebês estão construindo relações com as pessoas a sua volta.

Durante a educação de bebês em contextos coletivos que é possível “colocar-se junto às crianças para fazer a vida acontecer” (BARBOSA, 2009, p.5). Acontece, a partir das relações estabelecidas com todos que estão presentes nesses espaços, uma organização e um planejamento dos momentos de cada situação coletiva pensada pelos professores/as presentes na instituição de Educação Infantil. É nessas

situações coletivas que “os momentos de interação, mais do que simples locais e tempos em que as crianças estão juntas, são ocasiões privilegiadas para que as crianças construam suas culturas de pares [...]” (SARMENTO, 2005, p.27).

Nos espaços coletivos os professores/as não precisam estar a todo tempo mediando a relação das crianças e dos bebês com o espaço, com as pessoas e com os objetos ali presentes, mas devem estar atentos às ações e descobertas das crianças a partir do contato com outras crianças e com o meio, no contexto coletivo. O coletivo colocado aqui seria todo local presente na instituição, que é preparado e planejado para receber várias crianças de faixas etárias diferentes e de salas diferentes, como, por exemplo, o refeitório, a sala de brinquedoteca, a sala de vídeo, ou até mesmo o pátio externo (parques).

Os espaços externos das creches geralmente são utilizados por todos os grupos. Algumas instituições acabam não incluindo os bebês, utilizando os famosos solários, que se configuram como os principais lugares de saída dos bebês de suas salas de referência. Muitas vezes, esses espaços estão localizados junto da sala ou isolados dos parques externos presentes na creche. Sendo assim, cabe a instituição de Educação Infantil se organizar com seus profissionais e planejar espaços de uso coletivos que podem ser utilizados no processo de desenvolvimento de cada criança, envolvendo materiais, brinquedos, objetos e a interação entre criança/criança e criança/adultos.

3.1 CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS ELEITOS

Nesta seção apresentaremos os estudos eleitos para esta pesquisa. Sendo assim, o primeiro estudo, de Daniela de Oliveira Guimarães (2008), buscou compreender as relações estabelecidas dos adultos com as crianças e das crianças entre si, sua pesquisa está situada no Rio de Janeiro. Já o estudo de Ângela Maria Scalabrin Coutinho (2010) interessa-se em conhecer a ação social dos bebês no seu cotidiano educativo, sua pesquisa está situada em Portugal, na Universidade do Minho. O trabalho de Rosinete Schmitt (2014) busca compreender as implicações das ações das crianças e o contexto da creche, o processo de formação dos/as profissionais que atuam com esses bebês e a necessidade de conhecer e compreender as especificidades na educação de crianças pequenas, sua pesquisa se situa na UFSC, em Florianópolis. Por fim, a dissertação de Carolina Gobbato (2011) pesquisou a presença

dos bebês no contexto da vida coletiva da instituição de Educação Infantil, analisando os fazeres pedagógicos nesses espaços, sua pesquisa está situada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. A seguir, serão apresentadas, com mais detalhes as pesquisas selecionadas.

3.1.1 Relações entre crianças e adultos no berçário de uma creche pública na cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsabilidade, cuidado, de Daniela de Oliveira Guimarães

O foco central da tese é conhecer e compreender as relações dos adultos com as crianças e das crianças entre si, numa creche pública da cidade do Rio de Janeiro. Guimarães (2008) quis saber: o que pode um bebê? Quais suas possibilidades sensoriais, afetivas, motoras e de produção de sentido na relação com adultos e outras crianças, no contexto da creche?

Durante o processo de pesquisa foi possível compreender como o corpo dos bebês está em destaque, sendo o espaço de ação, aprendizagem e comunicação entre as crianças em si. A partir desses contatos nos espaços e das relações estabelecidas, os bebês passam a conduzir experiências de si mesmos no contexto da rotina presente na creche. A autora questiona: “como constroem espaços, relações e outros sentidos possíveis com seus movimentos, olhares, gestos comunicativos e expressivos?” (GUIMARÃES, 2008, p. 24).

Em sua pesquisa, é apresentado o cenário e o contexto da instituição observada, seus espaços e seus atores. Como pesquisadora, tinha o intuito de compreender a organização das relações na creche, mediadas pelo corpo do bebê: “Como o bebê se torna outro do adulto e vice-versa? Quais as construções das crianças, como se relacionam com as ações dos adultos?” (GUIMARÃES, 2008, p.105).

Ao mesmo tempo em que elenca o corpo do bebê e as ações estabelecidas a partir dos contatos e relações no contexto da creche, é possível perceber um grande destaque no cotidiano e na rotina do berçário:

[...] a rotina dos bebês na creche delimita os gestos e movimentos, estabelecendo um quadro através do qual os corpos se tornam inteligíveis. A organização do tempo e sua articulação com a

distribuição das crianças no espaço, ligadas intimamente com as necessidades biológicas (especialmente comer e dormir) modelam e dirigem o corpo. Ao mesmo tempo, percebemos alterações e desvios, especialmente quando focalizamos as crianças e suas trajetórias dentro do tempo planejado pelos adultos. (GUIMARÃES, 2008, p.135).

Na pesquisa de Guimarães (2008), a rotina acontecia de maneira rotineira e concentrada, muitas coisas eram feitas no mesmo horário em todos os dias, criando uma rotulação nas atividades e tarefas seguidas pelos professores/as atuantes naquele espaço de Educação Infantil, partindo da perspectiva de que “sentiam-se legitimada em sua função, quando cumpriam a rotina adequadamente. Por outro lado, ao focalizar as crianças eu notava outros sentidos, outras possibilidades para viver o tempo, os espaços, os materiais [...]” (GUIMARÃES, 2008, p.146).

A autora diz que no espaço da creche as crianças precisam de um ambiente estruturado que as oriente e que apresente certa previsibilidade. Ambientes e espaços que possam ser utilizados por vários grupos, contendo brinquedos e objetos ao seu alcance, facilitando o processo de interação e relação das crianças entre elas e com os adultos presentes nesses espaços. Esses ambientes devem ser claros, arejados e organizados de forma que possa haver contato e interação das crianças entre si e com os adultos presentes. Ou seja, deve ser um espaço que possa acolher as crianças principalmente suas famílias, pois grande parte do momento da criança acontece na creche e/ou na escola.

Destacando os espaços presentes na instituição observada, é importante salientar a presença do solário juntamente ao berçário, mas por conta dessa rotina estipulada pelos profissionais, esses espaços não eram utilizados da melhor forma. Os solários, portanto, eram usados para momentos de atividades dirigidas e/ou são espaços utilizados pelos bebês de forma "livre", exploração "livre" das crianças com os materiais e objetos presentes nesses espaços.

A partir do estudo da tese de Guimarães (2008) ficou claro que os espaços não eram planejados pelas profissionais de Educação Infantil pensando nos bebês. O importante seria cumprir a rotina diária com o grupo de bebês, portanto, todo processo de interação e relação dos bebês acontecia nesse espaço do berçário, partindo do pressuposto de que eram utilizados os próprios objetos, materiais, mobiliários presentes no solário.

Nesta perspectiva, cuidar das crianças é iniciar uma ação em direção a elas. [...], pois foi possível perceber que há algo que as crianças aprendem no espaço, na disposição das coisas, na organização do tempo sem que elas as recreadoras vejam, muitas vezes, apesar de produzidas também por elas, dentro das relações de poder e controle vigentes no berçário. (GUIMARÃES, 2008, p.134).

Em algumas circunstâncias da pesquisa, conseguimos perceber a grande relação das crianças entre si e delas com os adultos, esse processo de relações favorecem laços afetivos dos bebês no contexto do berçário, havendo possibilidades de exploração dos objetos disponíveis e de outras crianças e adultos presentes, dos tempos e dos materiais utilizados nesse processo de exploração.

Entretanto, nas observações de campo foi possível perceber a cadeira de alimentação sendo empregada pelos bebês durante o processo de relações estabelecidas entre eles, ou seja, “a cadeira como espaço de outras possibilidades e encontros foi notada num dos dias de observação”(GUIMARÃES, 2008, p.164). Outra situação seria dos berços, que eram utilizados para o momento do sono e descanso, local de separação, em que as crianças precisam estar ali para dormir, sem possibilidades de trocas de olhares e encontros entre si, sendo “as cercas, formas de organizar o espaço, separam e dão contorno a possibilidades de trocas e encontro” (GUIMARÃES, 2008, p.167). De acordo com Guimarães (2008, p. 168-169):

Mas, além da proteção, há outras faces do trabalho que a presença dos berços revela. Ele é também espaço de troca e encontro entre as crianças, espaço a partir do qual elas vêem o entorno e se comunicam. Além disso, funciona como apoio para ficar de pé, ganhar confiança, sustentar-se e caminhar.

Nessa pesquisa, a prática do educar e cuidar estava presente a todo o momento no dia a dia da sala do berçário que seguia uma rotina fixa. Um cotidiano vivido a partir de uma dimensão rotineira, “[...] aquilo que se realiza todos os dias [...]” (GUIMARÃES, 2008, p. 137). Esses espaços poderiam ser explorados de acordo um fortalecimento entre os encontros das crianças entre si e com o mundo: “[...] espaços de

expressão de sensações e formas de comunicação, à medida que reconhecidos como aprendizagens e constituição de experiência reveladora da potência das crianças” (GUIMARÃES, 2008, p.208).

Na tese, foi possível perceber o questionamento envolvendo a compreensão do espaço do berçário, “[...] como um espaço de experiência, trajetória que não tem um fim preciso, previsível, mas que contribui para que as crianças construam confiança em si mesmas, nas suas possibilidades de escolher, comunicar, ter iniciativas” (GUIMARÃES, 2008, p.209). Nesses espaços, durante a observação notou-se que:

[...] há uma prática de cuidado na diagramação do espaço, mesmo que não reconhecida de modo consciente por parte das recreadoras, que permite às crianças verem-se e encontrarem-se mutuamente. Não há direção das crianças por parte dos adultos, mas há criação de oportunidades de aprenderem, trocarem-se, olharem-se. Há um encorajamento a ação e a relação. (GUIMARÃES, 2008, p.133).

Por fim, a pesquisa de Guimarães (2008) investigou as práticas e concepções das profissionais que atuam com crianças pequenas, elencando momentos e situações durante as observações na instituição de Educação Infantil com um grupo de bebês. Especificamente no contexto da educação de bebês as profissionais seguiam rotinas, não considerando o anúncio das necessidades das crianças como informantes importantes nesse contexto da educação, nesses espaços da instituição.

3.1.2 A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche, de Ângela Maria Scalabrin Coutinho

A pesquisa de Ângela Maria Scalabrin Coutinho (2010) teve o interesse de conhecer os bebês, a sua ação social no seu cotidiano no contexto da creche e o processo de formação dos/as profissionais que atuam com esses bebês, buscando conhecimentos nas relações socioeducativas dos bebês na creche, como objetivo “[...] conhecer a ação social dos bebês no contexto da creche, tendo especificamente a preocupação em identificar a recorrência e o modo como ocorrem tais

ações sociais” (COUTINHO, 2010, p.12), mesmo sabendo que os bebês estão a todo o momento agindo socialmente no contexto da creche, nas relações e ações com os outros.

Sua pesquisa traz a questão do corpo como uma dimensão central nas ações das crianças, sendo que o corpo das crianças e dos/as profissionais estão sempre presentes nas relações e interações:

Assim, entendemos que o corpo é um corpo que fala, que comunica a todo o momento, que convoca o outro para uma determinada ação. É um corpo que desloca-se, que aquieta-se, que abaixa-se, deita-se, que busca determinados objetos. é um corpo comunicante, um corpo brincante, um corpo pulsante. Para as crianças de modo geral a dimensão corporal ocupa lugar bastante importante, e o corpo não "é" apenas um dado biológico, mas ele "está" em constante comunicação e relação com o mundo social, algo observado durante todo o tempo de permanência em contato com as crianças na creche. (COUTINHO, 2010, p.114).

Desse modo, considera-se as manifestações das crianças intensamente com seu corpo nos espaços presentes da creche, nos berços, nas cadeiras, nos parques em todo e qualquer lugar, podendo interagir e movimentar-se. É possível durante a pesquisa perceber o corpo das crianças como um componente presente na ação social, sendo uma dimensão fundamental no processo de exploração dos meios e dos momentos presentes no contexto da creche.

Sobre os espaços da creche, a autora coloca que “[...] os adultos estruturam o espaço e o tempo dando condições para que as crianças elaborem suas ações” (COUTINHO, 2010, p.180). Todavia, as crianças estão aptas a modificarem suas ações a partir do que é proposto e planejado pelos profissionais presentes nesses espaços.

Durante essas modificações é importante destacar o olhar de observador dos/as professores/as que atuam com essas crianças, podendo notar suas ações e as relações estabelecidas no contexto individual e coletivo. Segundo a Coutinho (2010, p. 182), “A questão do olhar mostra-se na relação entre as crianças como um elemento relevante de percepção do outro e de comunicação com esse outro, o olhar é um canal de estabelecimento de um complexo diálogo, muitas vezes gerido pelo corpo, entre as crianças”.

Nesses espaços é possível permitir as ações sociais entre crianças, que são estruturadas dentro de uma lógica de manutenção de determinadas relações, sendo que, muitas das vezes, as crianças se encontravam no mesmo lugar, na mesma sala de referência, mas que esse local pode ser modificado por elas, partindo de ações estabelecidas das crianças ou até mesmo dos/as professores/as: “Confiar na capacidade das crianças não significa abandoná-las, mas lhes dar o espaço e tempo necessário, tendo em vista que são competentes desde que nascem, sendo o movimento uma das primeiras formas de expressão desta competência” (COUTINHO, 2010, p.214).

Portanto, é importante as ações e principalmente de um olhar atento para os espaços utilizados pelas crianças e os espaços presente no contexto da instituição de Educação Infantil. Ou seja, os/as professores/as devem observar as crianças pequenas e os bebês, durante todo o processo de relações e ações que acontece nesse contexto:

O olhar permite a captação dos acontecimentos e ao mesmo tempo permite a comunicação dos sentimentos, dos combinados, das ações recíprocas. Nessa perspectiva o olhar é em si uma ação, que permite a partilha e a significação do que é comunicado. A tarefa da “tradução” das ações das crianças bem pequenas coloca, para quem se propõe desenvolvê-la, a condição de aprendiz dessa polifonia própria da comunicação entre as crianças, que separa alguns pode remeter a incompletude e falta, revela-se, na verdade, como uma complexa trama relacional. (COUTINHO, 2010, p. 184).

A observação, assim, serve “[...] como pressuposto da organização da prática pedagógica em creche e como elemento que permite enriquecimento dos processos de formação dos adultos [...]” (COUTINHO, 2010, p.217), e do contexto da Educação Infantil. Durante a observação é importante observar as ações dos bebês para que possamos planejar e criar espaços que favoreçam outras ações, descobertas e interações entre os grupos de bebês e outras crianças.

A partir desse estudo, Coutinho (2010) teve como tema central os bebês como atores sociais competentes, podendo observar as ações ocorridas com as crianças pequenas, seres de pouca idade, ou seja, crianças presentes no contexto institucionalizado. Sendo assim,

Conhecendo “[...] a ação social das crianças bem pequenas nos ajuda a reconhecer que é só na relação com o outro que a nossa humanidade se constitui” (COUTINHO, 2010, p.220). Os/as professores/as precisam conhecer as ações dos bebês no espaço coletivo e/ou individual, para que ocorra o processo de planejamento e organização dos espaços envolvendo os bebês nesse contexto educacional.

3.1.3. As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: Contornos da ação docente, de Rosinete Valdeci Schmitt

O estudo de Schmitt (2014, p. 20) “[...] busca dar visibilidade a composição relacional vivida por professores, bebês e crianças pequenas na creche [...]”, tentando compreender como as relações sociais de professoras e crianças com idade de 0 a 2 anos acontecem nesses espaços de Educação Infantil, os “[...] contornos e as implicações destas relações na composição da ação docente com este grupo etário” (SCHMITT, 2014, p.32).

Nesta pesquisa, o interesse sobre as relações com os bebês e crianças pequenas no contexto da educação infantil, inclui tanto os que são estabelecidos com as professoras como os que são vivenciados pelas crianças entre si e com o ambiente social (cultural da creche, como via possível de entender estas, não de forma fragmentada, mais interrelacionadas, na busca de entender as implicações destas com a ação docente. (SCHMITT, 2014, p.27).

Vale ressaltar, aqui, a importância da ação docente com os bebês, os sentidos atribuídos a essa docência e a categorização da profissão desses/as professores/as que atuam na educação de bebês, “ou seja, uma ação docente implicada não apenas com aquilo que a professora faz com as crianças pequenas, seja individualmente ou em grupo, mas concomitantemente ligada com uma organização de tempo e espaço[...]” (SCHMITT, 2014, p.52), acolhendo essas crianças, apoiando suas ações, interações e relações delas mesmas ou com outras crianças e/ adultos presentes no contexto da Educação Infantil.

Schmitt (2014, p.60) defende que “[...] a ação docente envolve não apenas aquilo que as professoras realizam, mas também a ação

daqueles com quem elas se relacionam para compor tal ação”. Todavia, essas ações acontecem nos espaços da creche em que adultos e crianças se relacionam cotidianamente, dentro de um espaço institucional, planejado e organizado pelos profissionais da Educação Infantil.

Afim de compreender como essas ações acontecem no contexto da instituição pesquisada, Schmitt (2014) apresenta em sua tese o contexto da creche em que ocorreu a pesquisa, descrevendo o espaço e a organização do trabalho feito pelas professoras do G1 e G2. Um dos espaços que apresenta é a parte externa da instituição, “além do parque, a área externa possuía também uma quadra de cimento, cercada por uma tela de arame [...]” (SCHMITT, 2014, p.90), podendo ser utilizada pelas professoras de educação física e/ou pelas profissionais dos grupos, a partir de um planejamento feito por elas de propostas dirigidas ao grupo de crianças, como, por exemplo, contação de história e brincadeiras, explorando esses espaços – parque e quadra de cimento –, como outro espaço sem ser a sala de referência dessas crianças.

As profissionais de Educação Infantil “[...] propunham organizações na sala, com brinquedos, massas, livros, às crianças que estão despertas[...]” (SCHMITT, 2014, p.170), enquanto as outras crianças estavam no momento de descanso, dormindo.

Essas organizações aconteciam na sala de referência dos bebês, mas “em alguns dias, os levavam para o pátio externo ou solário. O pátio externo e o refeitório eram espaços definidos para uso coletivo” (SCHMITT, 2014, p.170), dos grupos de crianças presentes na instituição.

Em sua pesquisa, Schmitt (2014, p.188) afirma que nessa instituição de Educação Infantil é possível perceber um ação docente diferenciada em que os espaços coletivos são pensados e organizados envolvendo os grupos de crianças, “[...] o que implica pensar que tal coletivo é formado por diferentes indivíduos que, embora possam compartilhar características e interesses em comum são irredutivelmente diferentes entre si”.

Portanto, as professoras a partir do contato com as ações do grupo de bebês e crianças pequenas no contexto da creche, planejam tempos, espaços e atividades “[...] para a ampliação da experiência pessoal e coletiva das crianças nas instituições (tal como enunciamos como função descritora da docência na educação infantil) [...]” (SCHMITT, 2014, p.165). Segundo a autora:

Se, de um lado, olhar as relações no espaço da creche implica considerar as condições determinantes em que ocorrem tais relações, por outro, um olhar interessado nas ações dos atores que compõe este espaço pode contribuir para entender a (re)produção dessa estrutura e as possibilidades de mudanças e atualizações, a partir de novos sentidos que nascem na relação e encontro entre adultos e crianças pequenas. (SCHMITT, 2014, p.163).

Nesse sentido, é essencial destacarmos a organização da vida coletiva e dos atendimentos individuais presentes no contexto do grupo de bebês. Todavia, a função dos profissionais de Educação Infantil não é somente de “[...] intervir de forma direta nas relações que estabelece com as crianças, mas contempla também a organização do ambiente físico e social, [...]” (SCHMITT, 2014, p. 202), envolvendo as crianças e os bebês nesse espaço de relações e ações diretas consigo e com os outros presentes no contexto da creche. Nesse sentido, “É preciso ter por base que as crianças agem e que é função das professoras possibilitarem um ambiente que acolha, sustente, amplie as possibilidades de suas ações” (SCHMITT, 2014, p.202-203).

Dentro do espaço da creche, em que a educação e o cuidado são caracterizados pelo âmbito coletivo, implica considerar que as profissionais, lidam recorrentemente com o cruzamento das relações individuais e a organização da vida coletiva das crianças. Ou seja, ao mesmo tempo em que elas precisam atender cada criança elas também precisam organizar, simultaneamente, uma estrutura que atenda os propósitos do convívio coletivo (SCHMITT, 2014, p.212).

Na pesquisa com os grupos G1 E G2, observou-se que “ao mesmo tempo que havia uma preocupação em organizar o espaço de forma que as crianças pudessem ampliar suas experiências, havia também a preocupação de ocupá-las, para que atitudes indesejáveis (como bater, chorar, correr) [...]” (SCHMITT, 2014, p.245), não acontecesse nesses espaços. Os/as professores/as, assim, têm a função de acolher, observar, dá espaços e tempos para que exista o processo de ação das crianças ente si. A ação das profissionais colocadas nesses

contextos “[...] não é uma ação que apenas dirige, controla, mas que também dá condições para que a ação do outro possa dialogar e se constituir de forma concomitante e simultânea a outras ações” (SCHMITT, 2014, p.256).

Portanto, em sua pesquisa é possível localizar os espaços presentes na instituição de Educação Infantil, como locais de relações e ações das crianças e dos adultos presente a no contexto com o grupo, partindo da ação docente para organizar e planejar esses espaços de vivências individuais e coletivas das crianças pequenas e dos bebês. Nesse sentido, Schmitt (2014) deu ênfase nas relações estabelecidas e constituídas por professoras, bebês e crianças pequenas no contexto da creche.

3.1.4 "Os bebês estão por todos os espaços!": um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil, de Carolina Gobbato

A pesquisa Gobbato (2011, p.17) toma como desafio “[...] ter como sujeitos de investigação os bebês”, tendo como objetivo central da pesquisa o de “investigar as vivências dos bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil, analisando como sua presença nesses espaços pode implicar em possíveis redimensionamentos do fazer pedagógico com bebês” (GOBBATO, 2011, p.19).

Durante as análises em seu estudo foi possível compreender que existe “a permanência quase total dos bebês na sala do berçário” (GOBBATO, 2011, p.30), privilegiando-se “[...] o uso dos espaços internos da creche para os bebês, por este ser de mais fácil controle [...]” (GOBBATO, 2011, p.30). De acordo com a autora:

Levando em consideração a necessidade dos bebês de passar a maior parte do dia na instituição, a rotina da vida desse grupo na escola é de total relevância. Porém, a rotina aqui não significa mesmice ou repetição constante das mesmas propostas; rotina quer dizer a realização das atividades de forma organizada e planejada, com o intuito de transmitir segurança aos bebês. (GOBBATO, 2014, p.104).

É possível verificar que, “embora não haja um levantamento acerca do cenário educacional brasileiro, as poucas pesquisas sobre educação de bebês em instituição de educação coletiva realizadas vêm retratando, [...] uma realidade que se repete [...]” (GOBBATO, 2011, p. 30), uma permanência quase total dos bebês na sua sala de referência, ou seja, as salas dos berçários e nos solários presentes na creche, muitas vezes anexados ao berçário.

Nos estabelecimentos que atendem os bebês, além da sala, o solário aparece como o outro espaço em diversas escolas infantis. Porém, muitas vezes, ele se resume a um espaço aberto, revestido com cimento, separado do restante da creche por um pequeno muro, configurando-se como um outro espaço que nem sempre é tão outro assim, pois além de apresentar-se conjugado a sala não apresenta grandes variações com relação ao ambiente da mesma. Às vezes é até um cenário empobrecedor, que não oferece múltiplas possibilidades aos bebês, conservando os mesmos tipos de brinquedos ofertados na sala, as mesmas características físicas como as do piso e da parede, tendo apenas a luz do sol como diferencial. (GOBBATO, 2011, p. 33-34).

A partir de sua análise, a autora concluiu que esses autores mencionam que os bebês quase não participam do contexto externo das instituições de Educação Infantil. Durante a análise dos autores estudados, verificou-se que esses espaços internos eram privilegiados durante a rotina de grupo de bebês, ou seja:

[...] [o] uso do espaço interno da creche para os bebês, por este ser de mais fácil controle quanto às questões de higiene e limpeza, assim como por se constituir num espaço onde se torna mais simples assegurar cuidados com relação a vida dos bebês que dependem bastante dos adultos como outro em sua relação nos seus primeiros anos de vida, a quem compete tanto cuidados físicos como significações e respostas aos seus atos. (GOBBATO, 2011, p.30).

Prado (1998) em seu estudo revela que os bebês não participavam dos passeios, nem usufruíam dos parques externos da creche; eles só saíam do espaço da sala e do solário nos dias de festa. Seguindo com Coutinho (2010), foi possível perceber que os bebês saíam muito pouco da sala. Na pesquisa de Tristão (2004) não foi dada oportunidade para que os bebês tivessem contato com areia, plantas, sol e ento, sendo espaços diferentes do espaço da sala do berçário, que é cercado por paredes. Gobbato (2011, p. 31) percebeu que além de as pesquisas constatarem que o espaço privilegiado para os bebês é a sala de referência do berçário, “[...] a participação deles nos projetos gerais da creche é, por vezes, invisível” (GOBBATO, 2011, p.31).

A autora inicia sua observação de campo com um questionamento: “Onde estão os bebês na EMEI STA Rosa?” (GOBBATO, 2011, p.56). E a resposta que obteve foi a seguinte: “os bebês estão em todos os cantos, por todos os espaços” (conversa com vice-diretora Flávia)” (GOBBATO, 2011, p.62).

Partindo dessas questões, a ida até a instituição de Educação Infantil como pesquisadora e observadora iniciou com um estranhamento:

Nesta pesquisa foi assim. O estranhamento que senti em minha primeira visita para conhecer as turmas da creche, ocasião em que encontrei os bebês no pátio, mesmo que estivessem no período de adaptação, foi crescendo a cada dia que retornava à instituição e percebia que os bebês estavam a freqüentar outros espaços de uso coletivo da escola, [...]. (GOBBATO, 2011, p.62).

O caminho da pesquisa de Gobbato (2011, p. 63) reconfigurou-se a partir de sua imersão na instituição de Educação Infantil, como observadora, na qual analisa:

[...] como a presença dos bebês constrói novos significados para a escola e como o contexto da escola foca nas suas vivências nos espaços escolares significa as possibilidades dos bebês, "para além da sala do berçário". Dessa maneira, ao invés de verificar no campo uma hipótese de pesquisa, este estudo teve no campo elementos que contribuíram na configuração do próprio objeto de pesquisa.

No contexto da Educação Infantil, a partir da observação foi possível visualizar e ter contato com os desafios em relação aos bebês, e aos espaços, “[...] bem como as dificuldades e possibilidades [...]” (GOBBATO, 2011, p.64). Desse modo, de acordo com a autora, “O desafio não é ‘como incluir os bebês’, pois eles são ativos, curiosos e participativos, não cabendo ao adulto a tarefa de incluí-lo, mas sim a responsabilidade de não excluí-los durante o processo” (GOBBATO, 2011, p.80).

Foi possível observar que os berçários nessa instituição estão sim incluídos nos espaços coletivos, “[...] o que revela que a ida dos bebês não acontece à revelia, mas apresenta uma intencionalidade visível não somente nas ações da professora, mas também no planejamento da instituição” (GOBBATO, 2011, p.108).

Concebido por essa perspectiva o espaço externo também requer um planejamento e não uma atitude espontaneísta dos profissionais e da escola, não no sentido de delimitar ou de controlar o que acontece nele, mas de propiciar, inovar, com materiais, com propostas de brincadeiras que integrem os bebês na cultura popular, como músicas, brincadeiras de roda, cantigas ou com a disposição de brinquedos que diversifiquem os fazeres dos bebês.(GOBBATO, 2011, p.152).

Assim, buscou-se perceber que os espaços de uso coletivos da instituição se tornam essenciais para a educação de bebês, nas relações e ações estabelecidas por eles nos contextos coletivos: “Os espaços não são apenas pano de fundo, mais contextos importantes disparadores de outras possibilidades dos fazeres dos bebês na escola; são sem dúvida um elemento pedagógico na educação da primeira infância” (GOBBATO, 2011, p.19).

Ao tratar-se de espaços coletivos, Gobbato (2011) teve contato com vários espaços que eram planejados e pensados por um coletivo que envolvesse vários grupos de crianças e profissionais presentes naquele contexto de Educação Infantil. Um dos espaços que encantava as crianças e suas famílias era o Hall de entrada da creche:

Um espaço que convida as crianças a ficarem na creche, desde sua entrada, e mostra que aquele local tem surpresas. É um espaço não apenas para as crianças brincarem, mas no qual elas podem

brincar também com seus pais, por ficarem num dos únicos espaços do contexto escolar nos quais as famílias podem circular livremente, possibilitando a eles conhecerem mais um pouco do que seus filhos fazem na escola, conforma relato das coordenadoras. (GOBBATO, 2011, p.123).

Esses espaços devem ser organizados e pensados pelas profissionais da Educação Infantil, propiciando que as crianças possam atuar sem o auxílio dos adultos, ou seja, “o espaço torna-se foco de atenção dos bebês que vão explorando, pegando outros brinquedos da estante, envolvendo- e com outros materiais constituindo-se assim como um ‘parceiro’ do professor” (GOBBATO, 2011, p.124).

Nessa pesquisa, é possível perceber que “os espaços externos da instituição também são contextos educativos; não são menos pedagógicos nem menos importantes do que os outros” (GOBBATO, 2011, p.152). Em vista disso, cabe os/as professores/as observarem, estando junto acompanhando cada momento, relação e ação dessas crianças nesses espaços, e assim “[...] lendo as suas preferências naquele espaço para que possa investir nelas; cabe a ele interagir com os bebês, vivendo também momentos” (GOBBATO, 2011, p. 152). Entretanto, para a autora:

[...] da mesma maneira que acontece no espaço interior, no exterior é preciso oportunizar que os bebês escolham no que querem envolver-se, dando-lhes oportunidades para que criem suas culturas infantis perante uma cultura escolar, na qual se pré-determina o modo de se explorar um material, os passos de uma atividade, limitando as oportunidades de livre escolha. (GOBBATO, 2011, p.161-162).

No estudo de Gobbato (2011) foi possível verificar que tanto os espaços internos quanto os espaços externos necessitam de um planejamento feito pelas profissionais da Educação Infantil, pensando nos bebês e nas crianças pequenas, suas ações, descobertas e vivências durante esse momento no contexto da creche, ou seja:

[...] o espaço externo também requer planejamento e não uma atitude espontaneísta dos profissionais e da escola, não no sentido de delimitar ou de controlar o que acontece nele, mas de propiciar, inovar, com materiais, com propostas de brincadeiras que integrem os bebês na cultura popular, como músicas, brincadeiras de roda, cantigas ou com a disposição de brinquedos que diversifiquem os fazeres dos bebês. (GOBBATO, 2011, p.152).

A autora afirma que “os bebês não estão separados do mundo, estão no mundo, construindo relações com as pessoas a sua volta” (GOBBATO, 2011, p.201), ou seja, os bebês nesse contexto estavam envolvidos nas ações de outros grupos, no contexto coletivo, que era planejado e organizado pelas profissionais daquela instituição pesquisada. Fica visível, então, que os bebês estavam por todos os cantos, por todos espaços. Nesse sentido, Gobbato (2011, p. 209) pontua que:

[...] a vida coletiva na escola infantil precisa atender a singularidade tanto no que se refere às diferenças entre os próprios bebês quanto à singularidade no que se refere ao grupo de bebês com relação aos outros grupos de crianças da instituição. Os espaços da creche enquanto contexto de vida coletiva precisam atender simultaneamente a singularidade e a pluralidade humana, configurando a escola como contexto onde todos possam estar junto nas suas diferenças. (GOBBATO, 2011, p.209).

Por fim, é possível perceber que esse coletivo esteve presente durante toda sua pesquisa, envolvendo o grupo de bebês e não excluindo: “A escola, com proposições pedagógicas planejadas para além da sala do berçário, propicia novas possibilidades de vivências aos bebês a partir da criação conjunta dos contextos de vida coletiva, através da inserção desses sujeitos nas práticas sociais e culturais que ali acontecem” (GOBBATO, 2011, p.9).

Pensando na importância da construção de espaços, como outro lugar de interações e relações dessas crianças fora da sala do berçário, Para Gobbato (2011, p. 209):

Não se trata apenas de passar da sala como espaço privilegiado do bebê na escola ou seu direito de viver nos demais espaços, mas também de pensar que DOS BEBÊS NOS ESPAÇOS pode-se chegar a construção de OUTRO LUGAR PARA OS BEBÊS NA ESCOLA INFANTIL, distinto daquele que viemos construindo, de exclusão, de invisibilidade, de não-participação: um lugar construído com os bebês!

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrevo aqui minhas considerações finais lembrando que um estudo é organizado e planejado por uma temporalidade histórica, um estudo que prosseguirá no decorrer de minha caminhada como futura pedagoga, não no sentido de concluí-lo, mas de abrir espaços para novas questões, promovendo e abrindo novas discussões e investigações.

A partir desse estudo, muitas coisas gostaria de avançar, uma das expectativas era de fazer observação em uma instituição de Educação Infantil, que, por conta do tempo, não foi possível. Entretanto, ao iniciar a pesquisa bibliográfica, a partir das teses e dissertação selecionadas, durante as leituras, fichamentos e análises, percebi a importância de pesquisar, aprender e dialogar com autoras que estudaram e estudaram sobre o tema Espaço e Docência com bebês.

Sendo assim, meu objetivo durante a pesquisa se constituiu em compreender e analisar como os espaços da creche são organizados e como acontece à docência com os bebês a partir dos estudos eleitos, compreendendo as relações sociais estabelecidas entre crianças/criança e criança/adultos nesses espaços, e os planejamentos das docentes no contexto da Educação Infantil.

Em vista disso, busquei aprofundar meus estudos a partir dos direitos das crianças em frequentarem esses espaços das instituições de Educação Infantil. Espaços que sejam pensados e organizados para o cuidar e o educar em todas as relações estabelecidas entre profissionais e crianças, devendo, assim, ser um espaço de convívio e de encontro, um lugar de trocas e aprendizagens.

Sobre a docência com bebês e a ação docente, foi possível perceber nos estudos das teses e dissertação referenciadas, que o docente é aquele profissional que se relaciona, observa os bebês e planeja ações com eles nos espaços utilizados em todos os espaços da creche. Na tese de Schmitt (2014, p.46), por exemplo, foi possível compreender a docência com bebês, através da construção do perfil do profissional que atua com esses bebês, ou seja, “[...] a ação docente tem uma postura que acolhe, observa as ações das crianças, dá espaços para que aconteça o processo de interação e relações entre elas e principalmente dar tempo para o outro durante o processo no contexto da educação infantil”.

Em relação à “rotina” do grupo de bebês, foi possível perceber nesses estudos que nem sempre as docentes conseguem atender a todos, que enquanto se troca um, o outro brinca, explora, está no momento do

descanso. Por isso, todas as ações que acontecem exigem tempo e espaço organizado. Os espaços devem ser pensados e organizados pelas profissionais da Educação Infantil, pois são contextos importantes de vivências para os bebês. Nos estudos foi possível observar os elementos utilizados nos espaços externos e internos. Algumas instituições acabam mantendo os bebês em sua sala de referência e nos solários, mas em outras instituições observadas foi possível perceber que os bebês estavam em todos os cantos, desde o Hall de entrada, até a quadra, biblioteca, parque, sala de referência, corredores.

Os espaços coletivos são pensados e organizados pelas profissionais, com o intuito de incluir todos os grupos, promovendo relações e ações nesses espaços. Esses espaços são essenciais na educação de bebês, pois através de ações e relações é possível a vivência, o desenvolvimento e a aprendizagem dessas crianças durante os momentos de contato com diversos espaços, pessoas, e outras crianças. Tornando-se um espaço de experiência, trajetória que não tem fim, que contribui para o crescimento dessas crianças, como coloca Guimarães (2008) em seu estudo.

Assim, é função dos profissionais da Educação Infantil estruturarem esses espaços, dando condições para que as crianças possam elaborar suas ações, modificarem o contexto “rotineiro”, “repetitivo”, principalmente a partir do que elas próprias propõem. Desse modo, é possível perceber nos estudos que as crianças estão a todo o momento criando e recriando ações com base no que as docentes propõem nesses espaços.

A partir de minha experiência no estágio não obrigatório, em que acompanhei um grupo de bebês, vivenciei momentos nos espaços coletivos, em que as professoras planejavam juntas atividades e organizavam o espaço de acordo com o planejamento pensado nas crianças. Durante a chegada dos bebês e crianças maiores nesse processo coletivo, era possível perceber a mudança, a criação, as ações, o cuidado um com o outro. O momento no coletivo acontecia através de trocas, de aprendizagens e descobertas.

Durante meu estudo foi possível perceber esses momentos, em alguns estudos havia esse processo de coletividade entre crianças e profissionais, já em outros estudos os bebês acabavam ficando excluídos desses espaços, que é um limite, pois a relação com outras crianças faz com que aconteçam descobertas e ações em espaços planejados de acordo com os interesses das crianças.

Finalizo este trabalho destacando o processo de estudo, escrita e descobertas, já que muitas questões durante minha formação apareciam de forma solta, fazendo-me pensar mais no contexto da creche, na organização desses espaços e, principalmente, nos bebês.

Minhas colegas diziam que era muito cansativo trabalhar no berçário, que eles ficam apenas na sala de referência, em berços, bebês conforto, e isso me instigava muito, até que eu iniciei o estágio e percebi um contexto muito diferente do que eu havia escutado. Essa curiosidade surgia em querer saber como era nas outras creches à docência com os bebês, como as profissionais se organizavam em relação à rotina ou não, aos espaços e as relações entre criança/adulto. Sendo assim, nesse processo de pesquisa ficou claro como acontece a organização dos espaços pensando na docência com bebês, contribuindo para o crescimento e as aprendizagens dessas crianças, e incentivando ainda mais a estudar, pesquisar e dialogar sobre questões relacionadas à educação e me conscientizando do que está implicado nessa profissão que escolhi para a vida: ser professora!

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Kátia A. **O espaço da creche: que lugar é esse?** Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. In: **27ª Reunião Anual ANPEd**, Caxambu, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reuniões/27/gt07/t073.pdf>> Último acesso em 7 de Dezembro de 2012.

AGOSTINHO, Kátia Adair. **O Espaço da Creche: que lugar é este?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

ARROYO, Miguel G. **Ofício do mestre: imagens e autoimagens**. 12 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

ÁVILA, Maria José figueiredo. **As professoras de crianças pequenininhas e o cuidar e educar: um estudo sobre as práticas educativas em um CEMEI de Campinas/SP**. Dissertação (mestrado em educação) - Faculdade de educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002a.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **A Prática Pedagógica no Berçário**. Porto Alegre: 2009. 6p. (Texto digitado)

BARBOSA, Maria Carmem. **Fragmentos sobre a rotinização da Infância**. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 25, n 1, ano 2000, p. 93-113.

BARBOSA, Maria Carmem. (2006). **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: ArtMed.

BARBOSA, Silvia. “O que você está escrevendo?” – Na pesquisa com crianças, o exercício de compreender e ser compreendido. In: KRAMER, Sonia. (Org.) **Retratos de um Desafio: crianças e adultos na educação infantil**. São Paulo: Ática, 2009. p.24-35

BEZERRA, Maurícia Santos de Holanda. **O espaço na educação infantil: a constituição do lugar da criança como indicador de qualidade**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em

educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988.

_____. (1995). **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Brasília: MEC/ SEF/ Coedi.

_____. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Ensino Básico. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 199.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Estatuto da criança e do adolescente (1990). Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianc_a_adolescente_9ed.pdf> Acesso em maio de 2017.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9394/96** de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: MEC, 1996

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução n.5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 18 de dezembro de 2009.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998, (Vol. I, II, III).

CARVALHO, Ana Maria e BERALDO, KatharinaE,A. **Interação criança-criança: ressurgimento de uma área de pesquisa e suas perspectivas**. In: Cadernos de Pesquisa; SP (71):55-71, novembro 1989.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. **A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche**. Tese de Doutorado. Universidade do Minho. Braga, Portugal, 2010.

DUARTE, Fabiana. **Professoras de bebês: as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente.** Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma Pedagogia da Educação Infantil.** In: GOULART, A. L.; PALHARES, M. S. Educação Infantil Pós-LBD: rumos e desafios. Campinas, SP: Autores Associados – 4º ed., 2003.

FORTUNATI, Aldo. **A Educação Infantil Como Projeto da Comunidade: crianças, educadores e pais nos novos serviços para a infância e a família.** A experiência de San Miniato. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOBBATO, Carolina. **“Os bebês estão por todos os espaços!”: um estudo sobre a educação de bebês em diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil.** (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

GONÇALVES, Fernanda. **A educação de bebês e crianças pequenas no contexto da creche: uma análise da produção científica recente.** Dissertação do curso de Pós-graduação em educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. **Relações entre adultos e crianças no berçário de uma creche pública na cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsividade, cuidado.** Tese de Doutorado. PUC. Rio de Janeiro. 2008.

HORN, Maria de Graça Souza. **A construção do espaço e as diferentes linguagens.** In: REDIN, Marita M.; MULLER, Fernanda; REDIN, Marita M.(ORGS.). Infância: cidades e escolas amigas das crianças. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

MEC/SEF/COEDI. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças.** Brasília, 1995a.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Crianças: educação, culturas e cidadania ativa**. Refletindo em torno de uma proposta de trabalho. PERSPECTIVA, Florianópolis, v.23, n.01, p.17-40, jan/jul. 2005.

SCHMITT, Rosinete. **As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: contornos da ação docente**. Tese submetida ao programa de Pós-graduação em educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

SCHMITT, Rosinete. (2008). **Mas eu não falo a língua deles! As relações sociais de bebês em creche**. Dissertação (Mestrado em Educação), Florianópolis: Centro de Educação, UFSC.

SOUZA LIMA, Mayume. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel, 1989.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **Ser professora de bebês: Um estudo de casos em uma creche conveniada**. Dissertação de Mestrado. UFSC, Santa Catarina. 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.